

ÍNDICE

# Pensar a Literatura no Séc. XXI

*Organizadores*

João Amadeu Carvalho da Silva  
José Cândido de Oliveira Martins  
Miguel Gonçalves

Publicações da Faculdade de Filosofia  
Universidade Católica Portuguesa  
BRAGA 2011

ENSINAR POESIA NO SÉCULO XXI:  
A (IM)POSSÍVEL RESPOSTA A UM DESEJO INFINITO.  
DO COMPARATIVISMO À “HOSPITALIDADE”  
DE MARIA GABRIELA LLANSOL

**Paula Mendes Coelho**

Universidade Aberta  
mpaula@univ-ab.pt

**Abstract**

Inspired by a reading promotion program I designed, as well as by my own research and teachings in the field of comparative literature, this paper aims to contribute to the ongoing debate about the role of poetry in the context of the crisis the Humanities are currently facing.

*Keywords*: comparativism, George Steiner, hospitality, Humanities, Maria Gabriela Llansol, reading promotion, role of poetry

O leitor escreve para que seja possível... (Manuel Gusmão)

**1. Introdução**

Pensar a literatura no século XXI para aquele que a vive ensinando-a, investigando-a, divulgando-a, implica equacioná-la no âmbito mais lato das Humanidades, cuja perda de influência, de prestígio, é dado assente.

Referirei apenas a evidente decomposição do campo literário, quando já não se distingue o bom do mau, quando o “falso” domina (já em 1988, Guy Debord falava em “faux, sans réplique” – no falso sem réplica).

Numa crónica recente na revista *Visão*, António Lobo Antunes insurgia-se contra a falta de critério de certos editores, falando de “pacotilha impressa”, ao mesmo tempo que afirmava que “um bom leitor, é mais raro que um bom livro” (*Visão*, 19.08.2010). Colocava ele, e muito bem, o problema da leitura, na leitura. Recordo que, para Alberto Manguel, autor de *Uma História da Leitura* (que deveria ser leitura obrigatória para todos os docentes de todos os graus de ensino), a escrita é aleatória, mas a leitura essencial. Em *La Cité des Mots*, Alberto Manguel chamava a atenção para o seguinte:

l'industrie [du livre] doit faire notre éducation en matière de stupidité, car ce n'est pas naturellement qu'on devient stupide. Au contraire, nous venons au monde en tant que créatures intelligentes, curieuses et avides d'instruction. Il faut un temps et des efforts immenses, aux plans individuel et collectif, pour amortir et finalement réprimer nos capacités intellectuelles et esthétiques, notre perception créatrice et l'usage que nous faisons du langage. (2007, pp. 138-139)

Manguel refere ainda as pilhas de *best-sellers* que nos assaltam nas livrarias, com “prazo de validade”; fala dos suplementos literários dirigidos a leitores menos informados, onde o espaço é maioritariamente atribuído a livros de tipo *fast-food*, contribuindo para dar a impressão que esses livros são tão válidos quanto qualquer clássico.

Pacotilha, dizia Lobo Antunes, *fast-food*, disse Manguel, ou ainda a “Poubéllisation”, termo de Frederic Badré, a que poderemos ainda acrescentar o “lixo dos blogs” a que se referia António Guerreiro num *Expresso*, esse fluxo de opinião aparentemente “democrática”, mas que acaba por coarctar a liberdade real do pensamento e da comunicação.

A outra evidência para nós consiste na perda de influência do livro e da leitura face à desigual competição do reino da imagem, à rapidez e simultaneidade na obtenção de infundável informação através da *Internet*, um dado inquestionável do qual é preciso aprender a tirar partido, “humanizando-a”. A este propósito, acerca da ditadura da imagem e não só, Pierre Nora falou há pouco em era da *Pós-Humanidade*. Quanto a ele entrámos com efeito, neste início de milénio, na era da “pós – humanidade”. Qual será o futuro, não sabe. Só se sabe que deixámos para trás o paradigma cultural. Sem esquecer que muitas vozes datam esse início do dia 11 de Setembro de 2001. Tahar Ben Jelloun referia num artigo intitulado “Peurs”, no *Le Monde*, de 7 de Junho passado, Vittorio Alfieri (1749-1803), quando este afirmou em *De la tyrannie* temer que cheguemos ao estádio em que “de la peur de tous naît sous la tyrannie la lâcheté de presque tous”. Entre nós Agustina falou em alvorada do “Homem comum”.

## 2. Uma experiência: promoção, motivação para a leitura

Que fazer então para alterar esta situação? Que lugar então para a Literatura nestes “lendemains imprécis”, pergunta George Steiner.

Dans la mesure où elle dramatise l'attente, où elle se livre à une critique du réel à la lumière du possible, est-elle condamnée à disparaître? (Steiner, 1969, p. 268)

Como reaprender/reensinar a arte da leitura literária no sentido mais amplo do termo, isto porque acreditamos que se trata de algo vital, sobretudo no contexto adverso acima apontado? Como fazer quando a linguagem definhou. George Steiner expôs em várias ocasiões os aspectos particulares da erosão da palavra, alertou para o perigo dessa desumanização:

Allons-nous passer de l'ère historique de la primauté du verbe [...] à une phase de déperissement du langage, de formes “postlinguistiques”, et peut-être d'un silence, au moins partiel? (*Ibid.*, p. 8)

Como agir quando o nosso ensino, ainda segundo o mesmo autor, se parece cada vez mais com uma amnésia institucionalizada, deixando o espírito da criança vazio de todo o peso da referência vivida? (Steiner, 2006, p. 16).

Para procurar respostas para estas várias questões e no âmbito de um colóquio sob o tema "Pensar a Literatura no século XXI", não posso deixar de me servir da minha experiência pessoal na área da promoção / motivação para a leitura, a par da docência de disciplinas de literatura, seja na orientação desde há anos de "Comunidades de Leitores" em diversas bibliotecas municipais, seja como responsável na universidade onde sou docente por um seminário final de licenciatura para Educadores de Infância, intitulado "Motivação para a leitura: reflexão e estratégias para a prática pedagógica", ou desde há três anos na leccionação de disciplinas de "Leitura e Formação e Leitores" no âmbito de uma licenciatura em Ciências da Informação e da Documentação e ainda em acções para professores bibliotecários.

Sem pretender "diabolizar" o audiovisual ou a *Internet*, cujos benefícios bem conhecemos, não podemos todavia ignorar que esta última constitui um sistema de "interrupção", uma máquina que funciona na base da "divisão da atenção" dos seus utilizadores, acabando por "superficializá-los" (cf. *The Shallows*, de Nicholas Carr, 2010). Se falar é natural, ler e escrever não o são, exigem ensino e prática. Então como ensinar/aprender a arte da leitura literária e não apenas a descodificar letras, signos? Como formar um leitor que descodifique e reproduza um texto com uma linguagem escolhida, uma construção frásica que tenha em conta o ritmo, o encadeamento narrativo lógico ou não, com a articulação do tempo e do espaço, uma plurissignificação? Tal construção, textura, exige um tempo que requer um outro, o do leitor, na elaboração da representação mental e imaginária.

Por outro lado não posso deixar de referir um recente estudo da universidade de Michigan citado pela cientista americana Maryanne Wolf, estudo que refere que a capacidade de entender uma situação do ponto de vista do outro, a capacidade de criar empatia, diminuiu cerca de 40% entre os estudantes universitários norte-americanos durante as últimas décadas, o que se está a agravar com a geração do *Facebook* e do *Twitter*. Ou seja: esses jovens deixaram de conseguir imaginar como é que o outro se sente, ou pode estar a sentir, face a uma determinada situação, incapazes de se colocar no lugar do outro.

Relativamente à "ditadura" da imagem acima referida, constatei o problema real com que se debatem os bibliotecários para desviarem os jovens potenciais leitores dos computadores, dos jogos, ou ainda, problema quanto a mim bem mais grave, no pré-primário a prática corrente que consiste no visionamento diário pelas crianças de cassetes de desenhos animados, isto durante longos períodos: mais fácil, menos barulho... mas sobretudo crianças mais passivas.

O trabalho de seminário desenvolvido com as educadoras, dirigido a crianças que por conseguinte ainda não lêem, ia precisamente no sentido de contrariar essa tendência: desenvolver estratégias a partir da palavra escrita, dos contos tradicionais, mas também de contos recentes de qualidade inegável, e ainda e sobretudo a partir da poesia, (música, sentimentos, sensações). Só ouvindo, absorvendo/integrando e recontando/devolvendo, é possível passar a ter um papel activo, desenvolver a partir das qualidades literárias e estéticas intrínsecas aos textos propostos a imaginação, o sentido estético, essa necessidade vital que

temos de ouvir contar histórias, de ouvir o canto poético. Daí a minha insistência na poesia. Inúmeras foram as educadoras que referiram nunca terem sido cativadas para a poesia ao longo da sua formação no ensino básico e secundário, nunca tendo lido para além do que os programas impunham, apontando dificuldades múltiplas.

Todavia posso afirmar que o sentido foi invertido, que em muitos casos de escolas inseridas em meios socio-económicos problemáticos os resultados foram inesperados. Em grande parte graças à palavra poética foi possível aproximar escola, família, biblioteca... Não havia muitos livros, ou nenhuns, em casa dessas crianças, mas havia oralidade!

Nas estratégias propostas, um papel privilegiado foi atribuído à memória, mãe das musas, e à dramatização. Memória daqueles pais ou avós que em casa, mal sabiam/ ou não sabiam ler; transmissão dessa memória aos mais novos. Que aprenderam de cor, “com o coração”, como também não se cansa de repetir Steiner. É que aprender de cor não significa uma perda de identidade na voz do outro, mas antes uma grande riqueza que transportamos connosco nesta nossa travessia. Aquilo que aprendemos de cor vai amadurecer e desenvolver-se dentro de nós, vai interagir com a nossa própria existência, modificando as nossas experiências. É o que nos diz igualmente Alberto Manguel (2006, 2009). Por outro lado, o poema memorizado não pode ser extirpado por qualquer censor, e os dois autores recordam os “livros vivos” dos campos da morte, ou que se Mandelstam sobreviveu foi oralmente. Steiner alerta ainda para o facto de a “literacia electrónica” militar precisamente contra essa tão preciosa memória, em que o “rosto do écran” não promove o encontro com o outro (2005, p. 35).

É verdade que vivemos num ambiente em que a poesia se tornou minoritária, tratando-se do género literário aparentemente mais difícil. Todavia considero, e constatei-o, que a poesia pode ter precisamente na vida das crianças menos privilegiadas, com um contexto social e cultural débil, um papel de primeiríssimo plano. Com efeito, na maioria das grandes culturas do nosso planeta o poema é transmitido pela voz, de voz para voz, e Steiner, o grande “mestre de leitura”, como quer ser apresentado, recorda-nos que “a voz humana não é uma voz prosaica”.

Foi isso que igualmente constatei, nas Comunidades de Leitores que dinamizei, ao introduzir, sub-repticiamente, no meio de obras em prosa, que sabia de antemão que os participantes iriam ler, uma estrofe aqui, um verso ali, um soneto acolá. A adesão continua a ser inesperada até para os próprios intervenientes: a voz humana não é uma voz prosaica.

### 3. Como recuperar o humano?

No quadro conceptual em que se inscreve a poesia, do desejo de indefinição ao tudo que ela pode ser, é difícil movimentarmo-nos, difícil encontrarmos um caminho.

Não esquecemos Novalis quando afirmou “La critique de poésie est une absurdité, il est déjà difficile de dire si une chose est poésie ou non” (Novalis, 1992, p. 201), mas as

tentativas de a definir não cessaram, as qualidades que lhe foram atribuídas são inúmeras (veja-se o número de obras com títulos contendo "Futuro da poesia", "Para que serve a poesia", etc. ...)

Que poderes são estes então os da poesia (aquela que Platão excluiu da sua cidade), que fizeram dizer a André Frénaud numa conferência de 1969:

Les hommes ne savent pas qu'ils lui demandent tant [à la poésie]. Tant? C'est à dire à la mesure de leur infortune. (1997, p. 58)

Pede-se com efeito muito à poesia. Diz-se muito sobre os seus benefícios: que ela preenche o vazio que temos em nós, que assegura a nossa holderliniana "habitação lírica" no mundo, que tem uma responsabilidade ética, que salva. Clichés que segundo Meschonnic prestam um mau serviço à poesia (cf. Meschonnic, 2006, criticando Jean Claude Pinson).

Por outro lado somos "aqueles que vieram depois", como nos recorda constantemente Steiner. Não podemos de facto iludir esse paradoxo, a desconfiança quanto à capacidade de a Literatura e as Humanidades nos tornarem "melhores". Na década de sessenta muitos foram os intelectuais que tentaram responder à questão "que fazer?" depois de Auschwitz, depois de Hiroshima (cf. Hannah Arendt: *Origens do Totalitarismo*, 1951, *A crise da cultura*, 1961; *A banalidade do Mal*, 1963; Adorno e a sua *Dialéctica negativa*, 1966, ...). George Steiner ao longo dos seus textos tem-nos confrontado com a incómoda constatação:

A educação não só se mostrou incapaz de tornar a sensibilidade e o saber resistentes à "desrazão" assassina, como se passou qualquer coisa de mais desconcertante ainda: o refinamento intelectual, o virtuosismo e o gosto artísticos, a eminência científica colaboraram de bom grado e activamente com os imperativos totalitários ou, no melhor dos casos, permaneceram indiferentes ao sadismo circundante. (2002, p. 14)

Terrível aporia. Com efeito não podemos deixar de equacionar esta questão da transmissão dos valores humanistas numa altura em que os espectros que julgávamos terem-se dissipado para todo o sempre a seguir à segunda guerra mundial, a seguir à queda do muro de Berlim, nos voltam a inquietar.

Clichés? Incapacidade de dar resposta? Talvez. Todavia não é isso que tenho verificado na minha prática. O que tenho verificado é a recuperação de algo que só vemos normalmente nas crianças, e que o adulto perdeu: a atenção que implora que a voz continue a contar, a cantar, quando pedem insistentemente àquele que acabou de lhes ler uma história "ôta vez!", talvez pela segurança que lhes incute a repetição de um enunciado, mas sobretudo, é minha convicção, pela necessidade daquilo que a voz lhes transmite. Uma corrente de transmissão entre eu e o outro, uma intensidade partilhada, uma "presença real". Por outro lado, essa intensidade, essa qualidade tão especial, não aceita ser circunscrita a um género de discurso, encontramos-la num quadro, numa fotografia, num filme, nos gestos ou nos comportamentos. É esse carácter transversal da poesia que explica a sua resistência.

É verdade que, face ao agravamento de perspectivas para a nossa humanidade, podemos perguntar como é possível, "Que fizemos nós para tornar a terra tão inhóspita?, Qual a nossa quota-parte de responsabilidade?", como é possível continuar a escrever, a ler, a ensinar, a divulgar poesia?

Todavia constato: anacrónica, irrisória para alguns, a poesia não está morta nem obsoleta, pelo contrário ela é "o que resta de mais vivo". O futuro da poesia "é ser fonte de futuro" disse Bernard Noël. Talvez por causa desse "dur désir de durer" (Paul Éluard) ou ainda porque "L'aigle est au futur" (René Char), versos que, apesar de tudo, apesar de todo o pessimismo, Steiner não se cansa de citar ao longo dos seus textos. É verdade que "uma fracção maioritária da poesia, do pensamento religioso, da arte, regressou da zona da experiência imediata para o domínio do especialista", que

uma pseudovitalidade de arquivo envolve o que foi outrora experiência vivida; uma semicultura ou subcultura domina o exterior, tornando impossível ao poema sobreviver na sua nudez, ou deixar, por si só, gravada no leitor a sua marca. (1992, p. 110)

Mas todavia ela insiste e persiste, enquanto um dos lugares reveladores, pelo que nela entra em jogo, do entendimento do humano. É isso que tenho verificado na minha prática. E é isso que nos interessa.

O ensino da literatura, sobretudo da poesia, insisto, tendo em conta a sociedade em que estamos inseridos, tendo em conta a tal "globalização" que a enforma para o bem e para o mal, tem que passar cada vez mais por práticas comparatistas. Esta insistência nas práticas comparatistas, estratégia prioritária quanto a mim, mais urgente se torna numa altura em que a convivência multirracial, multicultural deve sê-lo efectivamente na prática, uma vez que o exílio, a imigração, a perda da língua materna, a condição de "marginal", constituem hoje a realidade nos países europeus (no concelho de Sintra, por exemplo, em algumas escolas fala-se vinte e sete línguas neste momento). Devemos propor cada vez mais abordagens transversais, em que os textos sejam devidamente analisados formal e teoricamente, mas sobretudo e de novo historicamente contextualizados, em que o autor volte a ter uma voz enquanto sujeito de uma experiência de vida. Não à separação entre conceito e afecto. Não ao texto "desencarnado", devido a práticas estruturalistas, à "morte do autor", muitas vezes mal entendidas, mal aplicadas. Essa pode ser uma resposta para a ameaça que Steiner vê nas Humanidades, numa "poética absoluta". Com efeito o comparatista tem vindo a alertar desde há mais de quatro décadas para a ameaça da abstracção, para o perigo de um humanismo formal, cúmplice quanto a ele da catástrofe europeia

Lisons nos textes avec une nouvelle perspicacité, avec une notion forte et formelle de leur caractère sémiologique – je le veux bien. Mais le mot est avant toute chose un acte humain, et toute lecture est la réponse d'un homme. (1969, itálico nosso)

Os desafios são grandes: trata-se sempre e em todas as circunstâncias de estar atento à alteridade; à "outridade", para melhor entender igualmente a nossa especificidade.

Tal implica, evidentemente, a prática das línguas vivas, a denúncia da sua aprendizagem desligada das literaturas, das culturas que veiculam. Nunca a afirmação de Goethe, que Steiner tem vindo a repetir, segundo a qual aquele que não conhece línguas estrangeiras "não sabe nada da sua" foi tão pertinente. O maior perigo quanto a ele não reside na dispersão de Babel, mas na redução das linguagens ao esperanto tecnológico, à qual se vem juntar o empobrecimento da nossa própria língua, realidade que bem conhecemos. Temos que recuperar com urgência o conceito que Goethe criou – o de *Weltliteratur* – cientes de que a sua prática representou (e ainda representa) um perigo para nacionalismos e chauvinismos de toda a ordem. A Literatura Comparada é necessária, urgente, para contrariar e combater os universos literários emparedados, e todos os outros.

Descobrir o "outro", numa relação de igualdade, entre "observador" e "observado", a partir de um olhar – do investigador, do crítico – tão neutro e objectivo quanto possível; sondar fronteiras, territórios indecisos, todas as margens, é esse o contributo inegável e urgente que o comparatista pode e tem o dever de trazer.

É agora, e nos próximos tempos que se adivinham difíceis, uma necessidade cada vez mais premente.

#### 4. Poesia e hospitalidade

Foi Jacques Derrida, filósofo francês nascido na Argélia, quem introduziu no universo conceptual da filosofia noções como amizade, acolhimento, fraternidade, hospitalidade, atribuindo-lhes um sentido vital no que toca à sua visão do mundo, ao entendimento do outro. Todavia chama a atenção para alguma ambiguidade no âmbito de uma reflexão sobre o "outro": suspeição sobretudo relativamente a um discurso dominado pelo valor consensual da "fraternidade", para ele "inquietante" uma vez que tem a sua raiz na genealogia, na autoctonia, no masculino. Mais recentemente, ainda no âmbito de uma reflexão sobre o "outro", do respeito pelo outro, o filósofo afirmou que se deveria ajustar a nossa ética da hospitalidade, a nossa política da hospitalidade "À un au-delà de l'État et donc aller au-delà du cosmopolitisme" (2005, p. 69). Trata-se para ele de um conceito-chave, mais importante do que as tradicionais "tolerância e fraternidade" que se revelam hoje, insuficientes. A hospitalidade tornou-se inoperante, face às deslocações maciças de populações a que assistimos cada vez mais, propõe então "cosmopolitismo", acrescentando contudo que é preciso ir para além dele.

É assim que recorro a uma das vozes mais cosmopolitas das nossas letras mais recentes, Maria Gabriela Llansol. Ouçamo-la: "Nós estamos sempre a contar coisas uns aos outros." Ela que pretende, enquanto narradora de *Um Falcão no Punho*, "dominar as vozes que [a] chamam para o largo, para o êxodo..." (1994a, p. 117), reenviando-nos, com uma só expressão, para todos os "chamamentos" possíveis: "interiores", mas também os históricos, e ainda para o domínio das "vozes" dos outros, no sentido de estrangeiras, de estranhas

línguas. Dialogar, abrir ao Outro, porque escrever é “formular hipóteses sem muralhas”, escreveu ainda (*ibid.*, p.18).

Contar coisas, disse ela... Todavia, para esta estranha estrangeira, o que os humanos procuram na narratividade (mais do que uma história com peripécias, suponho que é isso que pretende dizer), é um alimento que não dispensam e sem o qual nunca acederiam à “liberdade de consciência”. Ou seja, o que procuram por detrás do “era uma vez”, é aquilo a que MGL chama “os estados *do fora-do-eu*”, algo que teria a ver com “êxtase”, palavra bem próxima da palavra “existência”. E para ela isso tem a ver com uma “forma vibrátil de estar”. Ora a imaginação emotiva, existente igualmente na narratividade, foi desaparecendo, para acabar por ser controlada pela função de verdade/ verosimilhança. Foi precisamente essa forma vibrátil, essa vibração que terá, segundo ela, desaparecido do romance ao longo dos tempos. Então, pergunta em seguida MGL:

Como continuar o humano?  
 Que vamos nós fazer de nós?  
 Que sonho vamos nós sonhar que nos sonhe?  
 Para onde é que o fulgor se foi?  
 Como romper estes cenários de “já visto” e “revisto” que nos cercam?” (1994a, p. 20)

Para encontrar uma resposta torna-se necessário levar a cabo uma mutação da narratividade, fazendo-a deslizar para a textualidade. Ora essa textualidade está ligada aos afectos, e às “zonas vibrantes” da linguagem, em articulação com a imaginação criadora – essa imaginação que age – sustentada por um “vaivém de intensidade”. Só ela nos pode dar acesso ao “dom poético”, único garante da liberdade e consciência, como adianta Maria Gabriela:

O que os humanos procuram, na narratividade,  
 é um alimento que não dispensam,  
 e sem o qual perderiam  
 (e nunca acederiam)  
 à liberdade de consciência. (*Ibid.*, p. 118)

Noutro local acrescenta ainda, falando da linhagem em que ela inscreve os seus textos:

[...] esta [a linhagem] foi compreendendo que a liberdade de consciência sem dom poético, não passará de um movimento fatalmente involutivo, na história do homem; movimento esse que será, cada vez mais, como se vê, condenado a uma posição defensiva, face a todos os fundamentalismos da crença e da razão. (1994 b, s/p)

Dom poético e liberdade dissemos, o conceito de liberdade na base de todo o processo poético e da sua escrita, a liberdade de criação sendo a única liberdade inequívoca, ainda que geradora de novas regras, novos elementos da língua, que potenciam essa liber-

dade, tornando-a ainda maior. Por isso Llansol se inclui numa linhagem definitivamente poética ("s[ou]mos vários no interior de uma mesma filiação poética", 2000, p. 170): numa linhagem de solitários, de revoltados, de suicidas "ou quase" – Kafka, Nietzsche, Rimbaud, V. Woolf, Pessoa, Spinoza – cujo traço comum diz ser precisamente a poesia "onde foram por momentos poderosos" (2003, p. 159).

O seu texto, tal como nos explica em vários locais, não avança por temas ou se submete a uma intriga, "mas segue o fio que liga as diferentes cenas-fulgor" (1985, p. 139), afirmação que podemos aproximar facilmente da poesia-devir definida por Schlegel, cuja essência consiste em não poder senão devir e nunca se realizar inteiramente. Texto que vai cosendo, tecendo, bordando: MGL fala no "fazer "dos textos, "sim, a fazer"...

Henri Michaux em *L'Avenir de la poésie* perguntava "Para onde vai a poesia?", Bernard Noël *Où va la poésie?* e Maria Gabriela Llansol pergunta *Onde Vais Drama-Poesia?*: questionamento no seu caso, não definição, que a poesia não pede.

Propõe-se então encontrar "caminho", assim, sem qualquer determinante, "enquanto tenho um corpo de viva [...] para o drama-poesia" (2000, p. 108)

A interrogação crítica e reflexiva de MGL, que vai surgindo em filigrana ao longo dos seus textos, aparece-nos no seu carácter mais subversivo, como não podia deixar de ser.

Assim assume o desaparecimento elocutório do sujeito, na senda de Mallarmé, mas propõe claramente a "voz" enquanto presença radical da linguagem, a voz que quanto a mim constitui a marca mais premente do corpo, enunciando o texto "num poema sem eu" (*ibid.*, p. 14). Recordo as experiências de leitura que referi: aprender de cor, transmitir com o corpo, com o coração. Contudo, noutra sítio, refere um contrato entre o poema e o sujeito, em que o sujeito "não se contará, mas também não contará o destino do universo": o que contraria a ideia do Livro mallarmeano enquanto explicação órfica do universo (*ibid.*, p. 18). Mas enfrenta, tal como Rimbaud, o génio da língua, assume o trabalho sobre a linguagem, desejaria ser filóloga (2009, p. 129). Pratica a sugestão, procedimento poético teorizado pelos simbolistas, bem patente no enigmático segmento de *recta*, espaço vazio, que ora liga, ora separa, mas espaço de acolhimento profundo e abrangente, à semelhança do vazio que nos poemas de Mallarmé (refiro-me sobretudo aos "Sonetos alegóricos deles mesmos") coincide com um objecto "em falta".

Por tudo isto, esta escrita exige um amplo trabalho do receptor, do "legente". Dificílimo trabalho, no qual a escrita é entendida como resistência e conflito: "Há naquela frase [...] a disposição de um combate", afirma (1998, p. 7). Assim, o acto de ler praticado pelo "legente" é entendido como tal, para além daquele que se instaura no interior do próprio texto, se recordarmos Mandelstam quando nos dizia que "Em poesia, é sempre de guerra que se trata." Ora, ler "é ser chamado a um combate, a um drama. Um poema que procura um corpo sem-eu, e um eu que quer ser reconhecido como seu escrevente. Pelo menos. Esse o ente criado em torno do qual silenciosamente gira toda a criação." (2000, p. 18)

Combate sem tréguas, ou combate viciado, uma vez que a propósito da estafada questão da utilidade da poesia, a poesia enquanto salvação, MGL responde: "[...] o texto

não consola" (1998, p. 126). Para ela o texto é com efeito "sem promessa e sem garantia" (2000, p. 188); ignora se terá "qualquer utilidade", "se o poema, de algum modo, a ouve" (*Ibid.*, p. 19). Sobre a questão da ética, da responsabilidade do poeta, da "moral": "– Humanismo?" Maria Gabriela responde simples e radicalmente: "O homem será." (2003, p. 166).

Poesia que não tem exactamente um sentido ("o sentido não interessa", dirá MGL), mas antes o sentido do acesso a um sentido, a cada momento ausente, e transferido para longe, que provoca, encanta e desespera quem dela se aproxima. O sentido de "poesia" efectivamente um sentido sempre por fazer, como afirma Jean-Luc Nancy:

Si nous comprenons, si nous accédons d'une manière ou d'une autre à une orée de sens, c'est poétiquement. (Nancy, 2004, p.9)

Mais do que um acesso ao sentido, é de um acesso de sentido que se trata. Só o acesso define a poesia. Porque o poema só dá "um mundo por vir contido numa semente de mostarda" (Llansol, 2000, p. 98). Só...

A *démarche* de Maria Gabriela Llansol não poderia quanto a mim ser senão poética. Por tudo o que foi dito, o texto llansoliano não nos dá descanso. Felizmente. Trata-se de um verdadeiro desafio para o almejado "leitor enciclopédico" de que fala Umberto Eco, o qual deve munir-se e convocar todos os instrumentos de análise possíveis a fim de levar a cabo a mais nobre das tarefas, a que cabe ao leitor em acto, porventura o "comparatista", que poderia muito bem ser o legente a que o texto de Maria Gabriela Llansol aspira. Ser-se humano, diz ainda Maria Gabriela, é um "progresso de leitura", é um "lado mais legível para dar continuidade e orientação à emergência do vivo, no seio do universo" (*ibid.*, p. 188).

##### 5. Para terminar...

Para terminar nunca é demais recorreremos e relembremos Edgar Poe, o seu princípio poético (*The Poetic Principle*, out. 1850), quando refere a nossa "sede insaciável", essa sede que pertence à imortalidade do homem, sendo "simultaneamente uma consequência e a indicação da sua existência perene". Sobretudo quando nos recorda que

quando através da Poesia – ou pela Música – o mais arrebatador dos modos poéticos – nos encontramos desfeitos em lágrimas – choramos então – não [...] por um excesso de prazer, mas por uma certa dor, petulante, impaciente, face à nossa inabilidade de agarrar, *agora*, totalmente, aqui, na terra, de uma vez para sempre, essas alegrias divinas e extasiadas, das quais conseguimos alcançar *através* do poema, ou *através* da música, apenas breves e indeterminados vislumbres. (2004, pp. 153-154)

"Criação dirigida" (Sartre), "percepção guiada" (H.-R. Jauss), leitura que nos transforma em leitores de "nós próprios" (Proust). É num compromisso entre a liberdade total do leitor e os limites que o texto impõe, que nos cabe a nós docentes e divulgadores de literatura, encontrar o caminho de uma liberdade controlada.

Numa perspectiva comparativista proponho que se confrontem, que se cruzem temas, começando por aqueles que nos questionam, interpelam ou dilaceram, indagando um sentido outro, mais humano, para as nossas inquietações, procurando nos poetas, sempre, tal como Cioran procurava

algo que se modifica em nós, não os nossos gostos ou preferências, mas o nosso próprio sangue, como se um mal subtil se tivesse introduzido nele, para além do seu curso, da sua espessura e da sua qualidade.

### Referências

- Carr, N. (2010). *The Shallows. What the Internet is Doing to Our Brains*. New York/London: WW. Norton & Company.
- Coelho, P. M. (2006). *Questões de poética simbolista. Do Romantismo à Modernidade*. Lisboa: FCG/FCT, 2006.
- Coelho, P. M. (2007). *Les Fleurs du Mal* traduítes par Maria Gabriela Llansol ou l'hospitalité d'une mère-porteuse. *Traduction et Lusophonie*. Montpellier: Presses Universitaires de la Méditerranée [2006].
- Derrida, J. (2005). *Sur parole. Instantanés philosophiques*. Paris: Éditions de l'Aube.
- Frénaud, A. (conferência de 1969). Faut-il croire encore en la poésie ? *Cahiers de la Bibliothèque littéraire Jacques Doucet*, 1, 52-59, avril 1997.
- Jahanbegloo, R. (2000). *Quatro entrevistas com George Steiner*. Lisboa: Fenda.
- Llansol, M. G. (2001). *A restante vida. Geografia de Rebeldes II*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Llansol, M. G. (1998). *Ardente Texto Joshua*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Llansol, M. G. (1994a). *Lisboaleipzig 1 o encontro inesperado do diverso*. Lisboa: Edições Rolim.
- Llansol, M. G. (1994b). *Lisboaleipzig 2 o ensaio de música*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Llansol, M. G. (2003). *Na casa de Julho e Agosto. Geografia de Rebeldes III*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Llansol, M. G. (2000). *Onde Vais Drama-Poesia?* Lisboa: Relógio d'Água.
- Llansol, M. G. (1985). *Um Falcão no Punho*. Lisboa: Edições Rolim.
- Llansol, M. G. (2009). *Uma data em cada mão. Livro de Horas I*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Manguel, A. (2006). *La Bibliothèque, la nuit*. Arles: Actes Sud.
- Manguel, A. (2009). *La cité des mots*. Arles: Actes Sud.
- Meschonnic, H. (2006). *Célébration de la poésie*. Paris: Éditions Verdier.
- Noël, B. (1997). *Où va la poésie?*. Paris: La petite Librairie et les Éditions Unes.
- Novalis (1992). *Fragments, précédé de Les disciples à Saïs*. Paris: José Corti. (Traduzido do alemão por Maurice Maeterlinck. Prefácio de Paul Gorceix).
- Poe, E. A. (2004). *Poética. Textos teóricos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (Tradução, introdução, cronologia e notas de Helena Barbas).
- Steiner, G. (2005). *As lições dos Mestres*. Lisboa: Gradiva [2003].
- Steiner, G. (2002). *Gramáticas da Criação*. Lisboa: Relógio d'Água [2001].
- Steiner, G. (1969). *Langage et Silence*. Paris : Editions du Seuil [1967].
- Steiner, G. (2006). *Le Silence des Livres*. Paris: Arléa.
- Steiner, G. (1992). *No castelo do Barba azul. Algumas notas para a redefinição da cultura*. Lisboa: Relógio d'Água [1971].